

O RIO URUCANÃ: ESPAÇO DE LAZER E TRAGÉDIAS NA OBRA *VILA DOS CONFINS*, DE MÁRIO PALMÉRIO

THE URUCANÃ RIVER: SPACE OF LEISURE AND TRAGEDY IN THE *VILA DOS CONFINS*, MÁRIO PALMÉRIO

Lasaro José Amaral¹
Oziris Borges Filho²

RESUMO

O texto de *Vila dos Confins* (1974) do autor Mário Palmério apresenta uma diversidade de lugares nos quais se desenrola a trama. O Rio Urucanã é um dos espaços que mais aparecem na narrativa e tem fundamental importância tanto no início quanto no final do romance. O presente trabalho objetiva analisar como esse espaço se constitui na obra *Vila dos Confins* (1974) bem como sua relação com as personagens. O presente artigo será fundamentado principalmente pela teoria da topoanálise de Borges Filho (2007). A partir dessa metodologia e do aporte teórico de estudiosos como Lins (1976), Bachelard (2008), buscamos analisar a espacialidade do rio Urucanã na obra *Vila dos Confins* (1974) de Mário Palmério. Ao fim da análise pudemos observar o quanto o espaço do rio bem como o elemento água são imprescindíveis na produção de sentidos e a relação espaço-personagem.

Palavras-chave: Espaço; Rio; Água; Topoanálise.

ABSTRACT

The text of *Vila dos Confins* (1974) by the author Mário Palmério presents a diversity of places in which the plot unfolds. The Urucanã River is one of the spaces that most appear in the narrative and has fundamental importance both at the beginning and at the end of the novel. The present work aims to analyze how this space constitutes the work *Vila dos Confins* (1974) as well as its relation with the characters. This article will be based mainly on Borges Filho's theory of topoanalysis (2007). From this methodology and the theoretical contribution of scholars such as Lins (1976), Bachelard (2008), we sought to analyze the spatiality of the Urucanã river in the *Vila dos Confins* (1974) by Mário Palmério. At the end of the analysis we could observe how much the space of the river as well as the water element are essential in the production of meanings and the space-character relation.

Keywords: Space; River; Water; Topoanalysis.

1 Introdução

O rio é um importante elemento encontrado na obra *Vila dos Confins* (1974). Na esteira dessa afirmação, podemos entender que “O espaço é como o ar que se respira.

¹ Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão. Professor de Metodologia Científica na Faculdade Cidade de Coromandel – FCC. Professor de LEM- Inglês na Escola Estadual Alírio Herval. Contato: professornetinho@hotmail.com.

² Doutor em Estudos Literários. Professor do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão. Professor de Teoria da Literatura da UFTM. Bolsista PET. Contato: oziris@oziris.pro.br.

Sabemos que sem ar morreremos, mas não vemos nem sentimos a atmosfera que nos nutre de força e vida” (DAMATTA, 2000, p. 29).

Isso porque o rio se destaca na narrativa, aparece várias vezes e em situações muito diferentes. No início da obra, o Rio Urucanã é citado pelo narrador e representa uma fronteira que divide o perímetro urbano do recém-emancipado município da região dos Confins. O rio é apresentado no texto de Palmério com relevância acentuada no que diz respeito a momentos bons e momentos ruins. Partindo do princípio de que nosso interesse é a Topoanálise, podemos afirmar que o Urucanã propicia aos personagens que por ele transitam uma relação de harmonia entre tal espaço e personagem, o qual Borges Filho (2007) define como topofilia. Nesse contexto, há inúmeras passagens e acontecimentos como o lazer que o caudaloso rio oferece aos que a ele se colocam. As pescarias, por exemplo, são momentos marcantes em que há o descanso e a alegria quando se pesca um bom peixe. Na solidão da noite, o mesmo serve para reflexões acerca da vida e dos percalços que essa pode apresentar.

2 O Rio Urucanã

Em meio a uma pescaria, o Deputado Paulo Santos reflete sobre os compromissos políticos, a vida política em si. “Os pensamentos libertavam-se naquelas horas de espera, as preocupações sumiam, vinha a suave sensação de leveza e bem-estar. Daí, o irresistível daquelas fugas para as beiras de rio, o vício em que elas se tornavam” (PALMÉRIO, 1974, p. 42). Antes de meter-se na política, o deputado tinha uma vida sem grandes preocupações e compromissos. Porém, após candidatar-se e eleger-se deputado federal pelo partido União Cívica, o personagem busca apoio de antigos amigos de pescaria e os insere no contexto da disputa eleitoral municipal.

O peixe não era a atração principal da pescaria, mas era visto como um prêmio conquistado pelo pescador pela astúcia e técnica no ato de pescar. Tudo, antes de entrar para a política, apresentava-se de forma prazerosa em relação às pescarias. As reuniões para arrumar a “tralha de pesca”, as conversas, as piadas e brincadeiras junto aos amigos e o trajeto até o rio. Assim, o peixe transformava-se em uma forma de conquista, e o pescador que conseguisse fisgar o maior zombava dos demais. Há, portanto, várias representações do peixe para o contexto de utilização do mesmo numa obra literária. Sabe-se que, em rios, portanto em água doce, existem várias espécies de peixes. E no rio Urucanã não era diferente. Havia peixes de escama como piaus, piaparas e dourados. Eram encontrados também, e com abundância, os peixes de couro como surubins e cascudos. “_Surubim! E dos manatas, olhe a vara! – continuava o escandaloso do

Gerôncio” (PALMÉRIO, 1974, p. 43). Grandes peixes de água doce e muito presentes em rios que cortam a região Triangulina são apresentados no *corpus*. O peixe é entendido dessa forma como um alimento que sacia a fome dos homens. Assim,

O peixe é, bem entendido, o símbolo do elemento Água, dentro do qual ele vive. Ele era esculpido na base dos monumentos Khmers³ para indicar que eles mergulhavam em *águas inferiores*, no mundo subterrâneo. Nessa qualidade ele poderia ser considerado participante da confusão do seu elemento e, portanto, *impuro*. (CHEVALIER E GHEEBRANT, 2012, p. 703, grifos do autor).

O peixe pode, então, nesse âmbito, expressar uma ideia de impureza nas águas do rio no qual está imerso e representar a espécie como a que conduz o mal e o que é relativo aos acontecimentos desastrosos em determinado espaço. Saliente-se ainda que se as águas são tratadas como inferiores, isso demonstra que os seres que a habitam também são inferiores. Tal confusão, na obra *Vila dos Confins* (1974), pode ser aludida à disputa política instaurada no município que causa muitas desavenças e tragédias, como a que marca o ato final da narrativa entre o capanga Filipão e o mascate Xixi Piriá. Além de fisgar o peixe, e depois de uma luta imensa para vencê-lo, o deputado o executa com um tiro de carabina. “O surubim boiou por derradeiro quando boiou bem no centro do rebojo, lá onde as espumas não chegavam. Paulo atirou.” (PALMÉRIO, 1974, p.44). Para o narrador de *Vila dos Confins* (1974) O “animalão” tinha mais de dois metros e pesava quase três arrobas. Percebe-se, assim, o tamanho do mesmo e que a luta foi intensa para conseguir tirar o peixe das águas do rio Urucanã. Dificuldade essa que o deputado e os companheiros encontraram no embate político.

O rio também oferece perigos e propicia momentos topofóbicos a personagens como a filha do balseiro Gerôncio, Ritinha, que cai no rio e é atacada por piranhas; ou o negociador de gado Nequinha Capador, que vê sua esperança de bons negócios, o bezerro filho do afamado boi Lontra também se perder nas águas barrentas do rio. Já no início do texto o narrador afirma que “O Urucanã rolava sem pressa – calado, emburradão. Tão manso, tão de manso rolava, que parecia dormir que nem o povoado nascido e crescido no barranco”. (PALMÉRIO, 1974, p. 23). Essa descrição representa de forma autêntica o que o rio oferece ao povoado da Vila dos Confins bem como sua espacialização integra o cenário da obra. É integra num contexto personificado, pois recebe características de um ser humano. Os adjetivos “calado”, “emburradão” e “manso” ratificam tal afirmação. Ao

³ Grupo étnico majoritário do atual Estado do Camboja, que no passado consolidou um império capaz de dominar, em seu apogeu (do sécs. IX ao XII), a maior parte da Indochina.

longo do texto, outras características e adjetivações relacionadas ao homem vão surgindo de forma a dar-lhe um aspecto de personagem na obra. Sonhos e pesadelos acontecem no percurso do seu leito, e tal espaço propicia muitas ações e acontecimentos. Importante salientar que é na balsa utilizada para a travessia de pessoas e mercadorias que muitos fatos marcantes narrados na obra acontecem e ganham vida e múltiplos significados. Dessa forma, era preciso tomar cuidado ao se aproximar do rio, pois o mesmo era

Misterioso e mau, o Urucanã. Traiçoeiro, aquele jeito inofensivo de correr macio entre os barrancos altos. Ai de rês imprudente que chegasse perto demais da beira podre! Tchibum, e pronto! – engoliam-na as profundezas... Tudo se passava num átimo de acordo com a teoria do Aleixo telegrafista: “– Bicho caiu no rio, seu doutor, o caboclo-d’ água só faz desta: mete o dedo na boca, dá o assobio, e ajunta a piranhama – ele é espécie de madrinha delas...” (PALMÉRIO, 1974, p.26).

Há uma ligação intrínseca entre as características do rio e o que vem a acontecer na narrativa. Até então, são dadas informações em um contexto explícito do que pode vir a acontecer na narrativa. O rio sugere fatos que virão mais adiante, constituindo-se uma prolepse espacial. Se analisarmos que o rio corre entre barrancos altos perceber-se-á que ele forma uma espécie de espaço fechado no qual quando se cai não é mais possível sair. Nesse ínterim, apenas é possível ir para suas profundezas onde um ser mítico, o caboclo-d’água “mete” o dedo na boca e não deixa ao menos a vítima emitir um pedido de socorro. Mais uma vez percebe-se a utilização dos vocábulos “misterioso”, “mau” e “traíçoeiro”. São atributos que definem o rio como um espaço a se temer e que guarda mistérios perigosos. Na narrativa é possível perceber claramente que o rio e suas águas, apesar de fonte de vida e subsistência dos moradores ribeirinhos, ofereciam perigos e apresentava-se mau e traiçoeiro.

De acordo com os estudiosos franceses da simbologia explicam, as águas são entendidas a partir de dois pontos cruciais no texto. No primeiro ponto, é possível notar que as águas calmas do rio “emburradão que rolava manso” revelam várias características eufóricas. É nas águas do rio que começa todo o ciclo de amizade de Paulo Santos com as pessoas da Vila dos Confins, antes do mesmo se tornar político. E depois de tornado deputado federal e ter ido morar no Rio de Janeiro, as viagens ao recém-emancipado município se tornaram escassas e agora tinha de cuidar da política. Em uma conversa com o balseiro Gerônimo durante uma pescaria o deputado relembra as primeiras pescadas e o envolvimento na vida pública. Para o protagonista.

Veja você (Gerônimo) quanta coisa me aconteceu: me elegi deputado, me mudei para o Rio de Janeiro... A política matava, acabava com a pessoa. Depois que se metera nela, nunca mais pudera ter uma semana de descanso. Escravo dos outros, do partido, do eleitorado. E os adversários não dormiam, os concorrentes vigiavam. Todos os dias, uma notícia má, nomeações que não saíam, chefes do interior que ameaçavam romper por causa de pedidos impossíveis... E ter de mentir, de prometer... (PALMÉRIO, 1974, p.40-41).

Nota-se, assim, que há uma reflexão sobre os atos e acontecimentos percebidos no âmbito da pescaria e levado para o contexto político. O fato de “os adversários não dormirem” tem uma profunda relação com o ato de pescar, uma vez que se o pescador dormir, o peixe rouba a isca. Assim como o pescador não pode vacilar com o anzol dentro d’água, também o político não pode deixar de comprometer-se com o eleitor, e dessa forma, “fisgá-lo”. O texto trata também do fato de o adversário não dormir, e o peixe não dorme, sendo, no ato da pescaria, o adversário do pescador. Saliente-se ainda a abordagem sobre a mentira. Sabe-se que pescador tem fama de mentiroso e quando a questão política é tratada, a mentira é enfatizada. Fundem-se nesse complexo emaranhado de abordagens um debate acerca da pescaria e da política e temáticas vivas no seio da sociedade são evidenciadas. Político e pescador mentiroso bem como disputas por eleitores e entre pescador e pescado. A narrativa de *Vila dos Confins* (1974) apresenta temas universais como luta por espaço e poder bem como animal racional e irracional. Se o peixe é apanhado pela boca e morre por ela, o político pode ganhar e também perder votos pela boca, melhor dizendo, pela forma como utiliza a linguagem.

Ainda refletindo sobre a pesca do peixe, esta tem muita relação com o meio político dentro do texto de Palmério. Se é necessário pescar o peixe para a subsistência ou como prêmio recebido pelo ato de pescar, não é menos necessário pescar homens para metê-los na luta política. Assim, Paulo Santos pesca, ao mesmo tempo, peixes e homens. Lança-se a sorte no pleito eleitoral e busca-se o maior número de votos para eleger-se e dominar o contexto político por quatro anos. Se for levada em consideração a psicanálise da pescaria, perceber-se-á que:

Pescar, no sentido psicanalítico, é também proceder a uma espécie de anamnese, extrair dos elementos do inconsciente, não através de uma exploração dirigida e racional, mas deixando jogar as forças espontâneas e colhendo seus resultados fortuitos. O inconsciente é aqui comparado à extensão da água, rio, lago, mar, onde estão encerradas as riquezas que a anamnese e a análise trarão à superfície, como o pescador de peixes em sua rede. (CHEVALIER E GHEEBRANT, 2012, p. 714).

Ao se lançar no embate político é impossível ter a noção de qual será o resultado do processo. É claro que, principalmente em se tratando de um município recém-emancipado, fica ainda mais difícil ter uma exata noção da quantidade de votos que poderão ser conquistados. E, assim como é difícil perceber se o peixe vem ou não na armadilha de isca no anzol, também é quase impossível fazer uma previsão dos votos que supostamente estarão depositados nas urnas. Mesmo sem saber do apoio que terá ou mesmo se a população irá abraçar a causa da candidatura, o sujeito que se candidata a um cargo eletivo fica exposto à sorte do que será apurado nas urnas após a votação.

A fluidez das águas do rio pode ser comparada à vida do ser humano ou necessariamente pode ser feita uma metáfora com a vida em sociedade de uma determinada localidade. Assim também pode ser pensada uma comparação com a descrição do rio no início da trama em que o narrador descreve o rio como manso. Era mansa, sem muitas agitações e grandes acontecimentos que os habitantes da Vila viviam no povoado que se tornou cidade. Porém, o processo eleitoral mexe com a vida dos moradores bem como com seus ânimos. É comparável a um rio em que suas águas rolam tranquilamente e depois de uma chuva forte ou uma tempestade a enchente passa e transforma tudo o que há à sua volta. Nesse contexto, as chuvas que traziam vida nova à caatinga e ao cerrado, revigoravam as plantas queimadas pelo sol forte do sertão também traziam perigos ao tornar as águas do Urucanã nervosas e fortes.

3 Rio: Espaço vivo, Lugar de vida

O rio é componente vivo, tão importante que vai além da vida humana, pois sua água é um recurso natural essencial para todas as espécies do planeta. Além disso, o rio, nas mais variadas conjunturas históricas e geográficas, está ligado a um imaginário em torno de seu curso, fluxo e forma, com analogia aos desejos, sentimentos, e todas as possibilidades que sugerem seus desvios. Em uma abordagem literária, esse espaço tem uma função primordial dentro da construção narrativa da obra de Mário Palmério. Apresenta vários aspectos e descreve com clareza os habitantes que vivem em suas águas bem como nos barrancos ou em seus arredores. Assim como assinala Borges Filho (2007), é possível observar, em determinadas passagens da narrativa, a existência de uma analogia entre o espaço e a personagem. Além disso, o estudioso explica que no texto literário o lugar pode “propiciar a ação que será desenvolvida pela personagem” (BORGES FILHO, 2007, p. 39). Note-se que, no sertão dos Confins, a pesca e a caça faziam-se abundantes e o Urucanã oferecia uma diversidade de peixes em seu leito e fartura para os que habitavam suas

margens. Portanto, além de verificar as funções do espaço, faz-se necessário um estudo topográfico do seu percurso no sertão, de suas margens, e dos seres, animais e pessoas, que por ali passam e/ou vivem.

Vários tipos de animais eram encontrados na região e faziam do espaço uma habitação fluente:

O vento crescia, começando a enrugando o lombo enlucado do rio, arrepiado de escamas agora, que nem as piracanjubas pretas das corredeiras da Onça. Chuva, mas lá pela madrugada... A corvina não enganavam: aquele abrir sorridente de marolas à flor da água eram elas, as velhacas, a pontar só o focinho no espelho dos remansos, assustando o tempo. Que bicho caiu agora – xuí balofo, surdo, de terra desmontada – longe, bem longe lá perto do esgoto do Varjão? Anta! Anta, sim: onça entra na água, mas é de mansinho, sem alardes... (PAMÉRIO, 1974, p.26).

Pode-se perceber, assim, que várias espécies de animais eram encontradas dentro e fora do rio. A descrição de uma noite enlucada leva a crer que as noites eram propícias a momentos de lazer não somente para o homem como também para os animais. Há uma forma de caracterização do rio muito peculiar, pois, nota-se uma semelhança na forma de descrição do rio com os seres que nele habitam. Um funde-se no outro como se ambos se completassem. A linguagem utilizada apresenta traços regionalistas do modo de se expressar uma vez que trabalha, descrevendo características de animais comuns no sertão para se referir a outros. É preciso levar em consideração que peixe não tem focinho e recebe, nesse contexto, características de outros animais como o porco ou a própria anta que vem a ser citada em seguida. São animais bastante distintos, mas com uma coisa em comum, dependem do rio para a sobrevivência. É necessário também esclarecer melhor sobre a forma como o narrador ouve e analisa o barulho feito pelo animal que entra no rio. Não era uma onça e sim uma anta, como é insistido. Porque a onça é um animal vigilante e entra na água sem alardes, sem fazer barulho enquanto a anta utiliza de um jeito menos discreto para alçar-se ao rio. E todos esses acontecimentos ocorrem quando o deputado espera pelo Gerônimo no porto onde fica atracada a balsa. O deputado espera um companheiro para uma “pescada” e até mesmo espantar o calor. Como é noite no exato momento, são os sentidos que alertam o deputado para a chegada do candidato a prefeito, João Soares. Após os pensamentos do deputado sobre o rio, a percepção de como o mesmo tinha semelhanças com um peixe de escamas e fazer uma análise, pelo barulho, de que animal tinha entrado no rio, são os passos do amigo que o chama à realidade. “O deputado não pôde continuar divagando. Passadas na areia fizeram-no voltar-se: Era o João Soares.” (PALMÉRIO, 1974, p. 26). O rio torna-se então, um local onde os amigos

conversam sob uma lua clara e apreciam o ar fresco que soprava no momento. Também serve para uma conversa sobre as condições do clima em Vila dos Confins e sobre questões econômicas como a perda de gado pela falta de chuvas e conseqüentemente de alimento para o mesmo. “Chuvão na certa, e não demora... Graças a Deus! Perdedeira de gado como a deste ano, nunca vi!” (PALMÉRIO, 1974, p. 26).

As margens do Urucanã são testemunhas de uma conversa política estratégica para a campanha de João Soares à prefeitura do município. Como já eram amigos de longa data o deputado e o candidato iniciam um diálogo que envolve muitas questões sobre a região dos Confins, sobretudo aquelas ligadas ao município. Isso, num contexto político, porque tal questão era de interesse dos dois. O porto no qual se encontrava a balsa serviu para que os amigos e, porque não, políticos, esquematizassem uma viagem em duas localidades a fim de convencer dois importantes fazendeiros a apoiá-los bem como candidatarem-se a vereadores, isso, antes que o opositor Chico Belo fizesse o mesmo. Assim, faz-se o diálogo:

- E a viagem lá no Nelson?
- O senhor é quem sabe. Se a gente pudesse ir amanhã mesmo... E no Neca Lourenço também. Lá do Nelson ao Bacurizal, é coisa de umas cinco léguas. A gente devia pegar os dois o quanto antes...
- E o Chico Belo, será que demora?
- Sei lá... O Antero me disse que ele mais o Brulino estão estourando por aí. O boato é que foram buscar delegado militar. O Dr, Osmírio foi com eles... (PALMÉRIO, 1974, p. 26-27).

Foi testemunha da conversa a noite do sertão na qual se encontravam os amigos. Os animais que tumultuavam o sossego do deputado e a conversa dos antigos amigos de pescaria continuou noite a dentro. O diálogo tem uma desenvoltura concisa na sequência da narrativa de forma a discutirem as pressões e baixas que sofreriam ao longo da campanha e como os adversários estavam articulando para vencer o pleito. Porém, a chegada da chuva faz com que os amigos corram para um abrigo, a casa/venda do Jorge Turco, deixando para trás a margem do rio. O que interessa nesse contexto, pois o nosso foco aqui é a análise do rio, dos habitantes e do que acontece em suas mediações, é a forma como o mesmo é descrito e as implicações de sentido que ele oferece à narrativa. Sinais são apresentados e condizem com o que vem a acontecer ao longo da noite bem como com a disputa, como se vê no excerto da obra:

“Um cheiro forte de terra foi o definitivo sinal da chuva. A ventania correndo rio acima soprava forte na ramada das gameleiras e jogava na água folhas, galhos secos,

restos mortos de cipó. Pios, resmungos, gritos... — bichos em desassossego adivinhando a tempestade.” (PALMÉRIO, 1974, p. 27).

É possível verificar que a passagem é introduzida através da projeção do gradiente sensorial do olfato. Para Osman Lins (1976, p. 92): “Não deve o estudioso do espaço, na obra de ficção, ater-se apenas à visualidade, mas observar em que proporção os demais sentidos interferem.” Nesse sentido, é possível observar o espaço, através dos sentidos humanos, o narrador apresenta o cheiro de terra, e a partir daí forma a imagem que traz à mente a noção exata de que a chuva chegou, por meio do segmento “o definitivo sinal”. Normalmente, a tempestade está impregnada de negatividade, é notável que, no fragmento supracitado, a chuva traz maus augúrios, nesse caso, com as figuras do desconforto, agitação e inquietação, sentimentos representados pelo gradiente sensorial da audição, uma vez que os ruídos destacam-se em todo o ambiente, isto é, os pios, resmungos e gritos dos bichos tornam o lugar um tanto quanto hostil. Nesse caso, utilizamos o termo ambiente, pois há a mescla da natureza, ou seja, do rio, com o clima psicológico das personagens. Com a chuva chega também vários componentes significativos que atribuem à narrativa uma ideia de dificuldade e complicações para a batalha que se principia. Há no contexto da trama a apresentação de possíveis complicações em que os integrantes do partido União Cívica se colocavam. Percebe-se isso ao analisar a descrição de como o rio e os seus arredores se encontravam. A denominação “rio acima” denota bem um cenário de momentos relevantes e se mostrava adverso. Se for levado em consideração que subir torna-se, em tal situação, mais espinhoso que descer, há uma prerrogativa de insinuação de que os dias que estavam por vir e a própria situação política implicavam momentos em que as personagens precisariam ser fortes para o embate que se propuseram.

Se os bichos estavam em desassossego era porque a situação deles não estava tranquila, por outro lado, o que estava morto ou seco era jogado para dentro do rio. Iam para águas profundas para servir de alimento ao povoado aquático. Como se nota, o simbolismo desse espaço possibilita interpretações de natureza opostas. Conforme explicam Chevalier e Gheerbrant (2012, p. 780), o “curso das águas é a corrente da vida e da morte”. Tudo era carregado pelo rio e a ventania anunciava uma tempestade. Além do que foi exposto acima, tais adjetivos que seguem na descrição da cena são compatíveis com um complexo estado em que as campanhas políticas se forjavam: pios, resmungos e gritos. Condiz assim, juntamente com a palavra tempestade, que se aproximava um tempo de disputas e de aflição, bem como sugere que, depois de tantas complicações, a calmaria

pudesse voltar a reinar. E a pesca voltava a ser uma forma de descanso, pois o deputado há muito tempo não voltava ao rio, que era propício a grandes peixes de couro.

Paulo Santos ainda se lembrava de um marco no Urucanã. Era o ponto do poço onde havia uma árvore caída, uma peroba-rosa, muito comum no cerrado de Minas Gerais.

Lá estava a peroba-rosa: corpulenta, recortada em alto murundum saliente na sombra escura da mata do barranco. Ali, dobrava-se o rio em redondo cotovelo. A correnteza, acostumada já com mais de légua de rumo em linha reta, esbarrava de repente na curva, confundia-se, avançava além do conveniente. Recuava, depois, para seguir caminho certo – e o vaivém criava o rebojo. Profundas, as águas naquele ponto morto: sumidouro ocado pelo luar eterno do redemoinho, traiçoeiro remanso de lento regirar de espuma; mas o melhor ponto do rio para a pesca dos grandes peixes-de-couro. (PALMÉRIO, 1974, p. 36).

A forma como é disposta no texto de Palmério (1974) permite que se faça um estudo de como esse ponto do rio Urucanã tem uma importância na sequência dos fatos que se desenrolam com o passar da hora e a espera pelo peixe, mais especificamente o surubim, no rebojo do rio. Após seguir por volta de seis quilômetros em linha reta a água pesada da correnteza faz voltas, no sentido de uma luar. Esse verbo é utilizado no sentido de furar um buraco dentro do rio uma vez que a luar é uma broca utilizada para perfurar madeira, pedra ou até mesmo metais. Mais uma vez o rio é descrito com uma adjetivação condizente com tragédias que mais adiante na narrativa se consumarão. Águas profundas dispõem de um sentido muito enfático do ponto de vista da morte. E no texto há a expressão “ponto-morto” no qual se refere a águas profundas. Pode haver uma duplicidade de sentido no que diz respeito ao relativo à profundidade. Seja ela natural em medida ou em psicologia o que nos importa é mostrar com clareza um estudo sobre tal devaneio. Assim “... toda água viva é uma água cujo destino é entorpecer-se, tornar-se pesada. Toda água viva é uma água que está a ponto de morrer” (BACHELARD, 2013, p. 49). Nesse contexto, a água que faz um redemoinho e cria uma espuma torna-se perigosa nesse ponto-morto onde se encontra o peixe que se busca pescar. Ali, onde as águas percorrem seu curso constante, se desprende a contradição. Nota-se um contraste porque o local é apresentado como perigoso e também o “melhor” ponto do rio para pescar.

Nesse ponto, entra a figura do balseiro no momento em que precisa trabalhar a canoa de forma que ela fique em uma posição privilegiada dentro do poço. A ação é necessária porque, a localização da embarcação pode fazer diferença para puxar o animal para cima dela após o peixe ser fogado. Portanto, a personagem age desta maneira, pois sua posição espacial é essencial para sua atuação. Para o narrador de Vila dos Confins, o

“Deputado Paulo comandava: _ Mais para o meio. Isso, mais um pouco... Deixe rodar... Vá soltando a poita...” (PALMÉRIO, 1974, p. 36). O deputado mostra-se assim um homem com comando e pronto para liderar não apenas uma canoa dentro do rio, mas uma campanha política vitoriosa. Porém, o que nos traz ao lume do estudo é a configuração do espaço do rio dentro da obra e as produções de sentido que o mesmo imprime dentro de tal circunstância. Dessa forma, é colocada uma pedra amarrada a uma corda para manter a canoa em uma posição estratégica no poço da peroba-rosa. Estar no meio, significa necessariamente estar no centro da situação, do redemoinho, da tempestade, do rebojo, tanto do rio quando da disputa eleitoral que se instalou no município. E era ali que o deputado desejava jogar o anzol. “A pedra custou chegar ao fundo. Puxando e soltando a corda, Gerônimo regulava a posição da canoa, até que a poitou exatamente na margem do poço. As folhas que desciam o rio passavam por ali, remoinhando juntamente com a escumarada”. (PALMÉRIO, 1974, p. 36). A pedra chega ao fundo do poço e mantém a canoa estabilizada na margem. No rebojo, as folhas que desciam o rio fazem uma “dança” com a espuma no centro do mesmo, transformando o local em um lugar especial para a pesca. As águas se apresentam, assim, com duas possibilidades: alegria e tristeza. Alegria na pescaria e tristeza nos desastres como a perda do gado do Nequinho Capador. Assim,

Em especial, podem-se descobrir as duas águas, a da alegria e a da dor. Mas não existe apenas uma lembrança. Nunca a água pesada se torna mais leve, nunca uma água escura se faz clara. É sempre o inverso. O conto da água é o conto humano de uma água que morre. O devaneio começa por vezes diante da água límpida, toda em reflexos imensos, fazendo ouvir uma música cristalina. Ele acaba no âmago de uma água triste e sombria, no âmago de uma água que transmite estranhos e fúnebres murmúrios. (BACHELARD, 2013, p. 49).

Começa então, com a água clara e límpida na margem dos córregos Pretinho e dos Nunes e termina no Urucanã, cujos dois afluentes citados encorpam as águas do misterioso que sustenta a balsa. E se as águas dos córregos “morrem” no rio a tendência do mesmo é desaguar em outro e conseqüentemente no mar. O deputado, após reclamar com o negro balseiro sobre o cabresto que este fez para a vara de pesca volta a esperar o peixe numa água sombria, na escuridão da noite, motivo pelo qual faz o político usar uma lanterna para enxergar melhor tanto o serviço na vara de pescar como também o local onde estava localizado. “Paulo acendeu a lanterna e apanhou a rodilha de aço trançado. Desenrolou-a com cuidado para evitar as crocas e enganchou o girador no anel de aço da ponta de bambu” (PALMÉRIO, 1974, p. 36). A partir desse excerto transcrito da obra faz-se necessário um debate sobre a questão das “voltas” e “giros”, pois tais ideias estão

presentes na narrativa desde o início do tema pescaria. Assim como a vida dos habitantes de Vila dos Confins, pode-se entender que, a contento, dar voltas ou giros é equivalente no que diz respeito à existência bem como é necessário “se virar” para conseguir a sobrevivência.

Paulo Santos teve que ficar atento para conseguir ferrar o peixe que fisgou no rebojo do poço da peroba-rosa. Após perder uma fisgada e deixar outro ir embora, assustado, novamente o deputado isca o anzol e fica à espreita para conseguir, dessa vez, não perder o peixe. Assim como tinha explicado o Gerônimo, era mesmo bom de peixe o poço que ficava longe da balsa. Foi compensatória a descida de canoa até o local mencionado e enfrentar a chuva fina que os pescadores tinham como companhia. Mas uma forma de anestésiar o corpo era utilizada. Tanto o balseiro como o político estavam levemente embriagados. “Tontura gostosa dava a pinga forte do Gerônimo”. (PALMÉRIO, 1974, p. 42). Com tal companhia e conversando, lembrando as pescarias do passado, Paulo afirma a Gerônimo que aquele peixe ferido na boca ficaria arisco e não voltaria tão cedo a tentar abocanhar outro muçum, uma minhoca propícia para encaixar-se no anzol e apresentar-se chamativo ao peixe faminto. A embriaguez faz com que os pescadores busquem um descanso para o espírito e uma fuga da realidade. Também serve para esconder-se do frio da chuva fina que caía. Assim,

A embriaguez do espírito não é apenas um *transporte* das faculdades mentais, uma vez que o vinho é, ele mesmo, sinônimo de conhecimento. Não é também um símbolo verbal, analógico, pois que, um pouco por toda parte, o homem recorre à embriaguez física como meio de acesso à espiritualidade, libertando-se do condicionamento do mundo exterior, da vida controlada pela consciência... (CHEVALIER E GHEEBRANT, 2012, p. 364, grifos do autor).

A partir de tal afirmação, constata-se que o deputado buscava na pescaria ausentar-se pelo menos por um curto período de tempo das complicações oficiais de político e reviver a época em que ainda não estava metido nas lutas políticas. De acordo com o dicionário de símbolos, o que acontece com a tontura que a pinga provoca nos amigos dentro da canoa, no rio Urucanã, é, através da embriaguez física com o efeito da aguardente, buscar um estado de espírito que não fosse controlado exclusivamente pela consciência. Há, assim, uma nostalgia e uma tranquilidade diante de uma situação que se apresentava difícil no âmbito político: vencer as primeiras eleições municipais de Vila dos Confins e aniquilar o poderio da família Belo, que, segundo a narrativa, sempre dominou o cenário político de tal lugar.

4 No Rio: Fluxo e Conflito

O tempo passava e o negro balseiro se incomodava com a conversa exagerada do deputado de forma a alertá-lo para prestar mais atenção à vara para não perder o peixe novamente. Paulo, já experiente em pescaria bem como na política, não podia se dar ao luxo de perder novamente o peixe. O narrador de *Vila dos Confins* (1974) afirma que o maldoso do balseiro provocava o deputado, dizendo que se ele continuasse a conversar perderia novamente outro peixe bom, um peixe-de-couro grande. Mas em consequência do que já havia ocorrido, ou seja, a perda do surubim, o pescador-político busca ficar atento para a fisgada certa. Dessa forma,

Mas o pescador estava prevenido. Sustentava, agora, a vara com ambas as mãos, sem deixar que encostasse na borda da canoa, para que as mínimas vibrações do bambu lhe chegassem imediatas e perfeitas. Ferido na boca perra ferrada mal-sucedida o peixe demoraria a voltar e a sucumbir ante a presença do outro muçum carnudo e tentador... Mas havia outros: o rebojo da peroba-rosa nunca deixava ninguém de mãos abanando... (PALMÉRIO, 1974, p. 42).

Pescador ou político prevenido não perde nem peixe nem eleitores. Assim, o deputado fisga o peixe em uma ferrada perfeita de forma que resta brigar com o animal. Uma luta demorada e bem travada porque o rio é o habitat natural do surubim e o homem dentro da canoa não tem total estabilidade para a luta. O peixe tem todos os truques para tentar fugir da garra do anzol e seguir seu curso no rio. Porém, desta vez, a atenção do pescador fez com que o mesmo não desse chance ao surubim. Saliente-se ainda que o fato de não querer encostar a vara de bambu na canoa para receber vibrações imediatas e perfeitas nos leva a debater que, se somadas a embriaguez da pinga mais as vibrações perfeitas da vara de bambu, o espaço se confirmava em um local perfeito para o descanso e a fuga da realidade. E há ainda o mistério quanto ao rebojo, que, para o narrador, nunca deixa ninguém com as mãos vazias, ou seja, do poço, sempre o pescador leva um bom peixe, um prêmio, pela paciência da espera e pela técnica empregada para tirar o animal da água. “Desta vez, a ferrada fora certa. Ao golpear a vara, Paulo sentiu o soco da fisgada, firme tal e qual machadada de machado novo em tora macia de cedro”. (PALMÉRIO, 1974, p. 43). As comparações da fisgada na boca do peixe e de um machado na tora de cedro faz sentido se considerado que tal árvore, de acordo com Chevalier & Gheerbrant (2012), fez-se um emblema de grandeza, de nobreza e de perenidade. Aumenta, dessa forma, o valor que o pescado significa na trama para o deputado uma vez que ele consegue o feito pretendido.

Por fim, a luta segue até que, após ser ajudado pelo balseiro, Paulo Santos domina o peixe. Em tempos antigos, quando estava mais novo, segundo o narrador de *Vila dos Confins* (1974) o deputado não aceitaria a ajuda de ninguém. Porém, meio tonto por causa da pinga e diante de um grande peixe, a ajuda do negro foi aceita porque a luta entre o político e o surubim apresenta-se muito dura. Há relação, mais uma vez com o âmbito político, pois sem o apoio dos “companheiros” é impossível vencer a eleição sozinho. Assim, as grandes conquistas têm mais sabor após intensos períodos de luta e o nível da dificuldade. E todo aquele que perde o embate, na maioria das vezes, luta até o último suspiro para se entregar. E assim, foi o ato final da disputa entre homem e peixe.

Tempão lutou o peixe antes de pranchear, entregue. A espaços apontava a cabeça à superfície – toco feioso de pau preto – para, em seguida, remergulhar num último desespero. A vara, porém, empinada, quase a prumo, obrigava-o mais e mais a acercar-se da canoa. Gerôncio deixara, afinal, Paulo gozar sozinho a luta com o surubim já dominado. (PALMÉRIO, 1974, p. 44).

Por mais intensa que seja uma ação, ao final o vencedor goza de prazer pela execução do ato pretendido. Em uma trama narrativa, como a de *Vila dos Confins* (1974) é possível verificar que, ao chegar ao recém-emancipado município, primeiro o deputado quer relembrar tempos passados e descansar tanto corpo quanto a mente antes de começar a corrida pelos votos. E a volta que o peixe fazia para fugir do anzol assemelha-se com o desespero do ser que se encontra preso e está prestes a se sacrificado. Percebe-se, então, que Paulo Santos tem momentos de alegria e despojo antes de iniciar de fato a corrida eleitoral. O deputado tem responsabilidades políticas por toda a região dos Confins, fundou o partido União Cívica em mais de vinte municípios, porém atuará apenas na campanha do companheiro de pescadas João Soares.

5 Considerações finais

Assim, rio, pescaria e amizade se entrelaçam de forma a fortalecer os laços de amizades construídos há mais de quatro anos. “Quase cinco anos, hem, Gerôncio? O Totonho ainda era um cisquinho de gente, engatinhando. A Ritinha, meninota ainda dos seus dez, 11 anos...” (PALMÉRIO, 1974, p. 40). Foi assim que a lembrança do deputado retoma o passado e rememora como o balseiro e os filhos se encontravam. Muita coisa na Vila dos Confins mudou após a época mencionada. Os filhos do Gerôncio cresceram, Paulo Santos se tornou deputado e a Vila um município cuja primeira eleição deixa marcas

profundas na população e nos entes políticos que participam diretamente do pleito. O rio Urucanã está diretamente envolvido na vida das pessoas, mas principalmente na do balseiro. É sobre o rio que o mesmo consegue sustentar a família através do trabalho remunerado na balsa do governo. É o local onde vê os filhos crescerem, Totonho se tornar um menino esperto e cheio de vida enquanto, em contraste a isso, não consegue salvar a filha no desastre que vem a acontecer como o final da disputa eleitoral, em uma grande tragédia em cima da balsa sobre o misterioso e mau rio Urucanã.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos**: Ensaio sobre a imaginação da matéria. Martins Fontes: São Paulo, 2013.
- BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura** - introdução a Topoanálise. Franca, São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.
- CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- DAMATTA, Roberto. **A casa e a Rua**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo, Ática, 1976.
- PALMÉRIO, Mário. **Vila dos Confins**- 7º ed.- Rio de Janeiro: José Olímpio, 1974.

Recebido em 05/07/2018

Aprovado em 17/10/2018